

## CAPÍTULO I

### A INFÂNCIA DE TÚRIN

Hador Cabeça Dourada era um senhor dos Edain e muito estimado pelos Eldar. Viveu, enquanto os seus dias duraram, sob a suserania de Fingolfin, que lhe deu vastas terras naquela região de Hithlum a que chamavam Dor-lómin. A sua filha Glóredhel casou com Haldir, filho de Halmir, senhor dos Homens de Brethil; e na mesma festa o seu filho Galdor, o Alto, desposou Hareth, a filha de Halmir.

Galdor e Hareth tiveram dois filhos, Húrin e Huor. Húrin era três anos mais velho do que o irmão, mas mais baixo em estatura do que outros homens da sua família; nisso saía à família da mãe, mas em tudo o mais era como Hador, o avô, forte de corpo e fogoso de temperamento. Mas o fogo ardia nele firmemente e era pertinaz a sua força de vontade. De todos os homens do Norte, era o mais conhecedor dos conselhos dos Noldor. Huor, seu irmão, era alto, o mais alto de todos os Edain excepto o seu próprio filho, Tuor, e um corredor veloz, mas, se a corrida era longa e difícil, Húrin era o primeiro a chegar, pois corria com igual vigor tanto no fim da corrida como no princípio. Havia um grande amor entre os irmãos, que na juventude raramente se separavam.

Húrin desposou Morwen, a filha de Baragund, filho de Bregolas, da Casa de Bëor, o que a tornava parente chegada de Beren Maneta. Morwen era alta, tinha cabelo escuro e, devido ao brilho do seu olhar e à beleza do seu rosto, os homens chamavam-lhe Eledhwen, a fada élfica; mas ela era algo austera de temperamento e orgulhosa. Os infortúnios da Casa de Bëor entristeciam-lhe o coração, pois ela chegou a Dor-lómin como exilada de Dorthornion, após a ruína da Bragollach.

Túrin era o nome do filho mais velho de Húrin e Morwen e nasceu no ano em que Beren chegou a Doriath e conheceu Lúthien Tinúviel, filha de Thingol. Morwen deu também uma filha a Húrin, a qual se chamou Urwen; mas todos quantos a conheceram na sua curta vida chamaram-lhe Lalaith, que significa Riso.

Huor desposou Rían, prima de Morwen, que era filha de Belegund, filho de Bregolas. Quis o duro destino que nascesse em tais tempos, ela que era afável de coração e não gostava nem de caça nem de guerra. Devotava o seu amor às árvores e às flores silvestres e cantava e compunha canções. Estava casada com Huor havia apenas dois meses quando ele partiu com o irmão para a Nirnaeth Arnoediad e nunca mais o voltou a ver.

Mas agora a narrativa regressa a Húrin e Huor no tempo da sua juventude. Diz-se que, durante algum tempo, os filhos de Galdor viveram em Brethil como filhos adoptivos de Haldir, seu tio, de acordo com o costume dos Homens do Norte daquele tempo. Batalhavam frequentemente com os Homens de Brethil contra os Orcs, que então assolavam as fronteiras setentrionais da sua terra, pois Húrin, apesar de ter apenas dezassete anos, era forte, e Huor, o irmão mais novo, era já tão alto como a maioria dos homens feitos daquele povo.

Numa ocasião, Húrin e Huor partiram com uma companhia de batedores e os Orcs apanharam-nos numa emboscada e dispersaram-nos, tendo os irmãos sido perseguidos para o vau do Brithiach. Aí teriam sido aprisionados ou chacinados não fora o poder de Ulmo, ainda forte nas águas do Sirion; e diz-se que uma neblina subiu do rio e os ocultou dos seus inimigos, e eles fugiram pelo Brithiach para Dimbar. Vaguearam, então, atribuladamente entre os montes abaixo dos Crissaegrim, até serem desorientados pelos artifícios daquela terra e não saberem como prosseguir ou regressar. Thorondor, que os espiava, mandou duas das suas Águias em seu socorro. As Águias transportaram-nos para lá das Montanhas Circundantes, até ao vale secreto de Tumladen e à cidade oculta de Gondolin, que jamais Homem algum vira.

Aí foram bem recebidos por Turgon, o Rei, quando este teve conhecimento da família a que pertenciam, pois Hador era um Amigo-dos-Elfos e, além disso, Ulmo aconselhara Turgon a tratar com brandura os filhos daquela Casa, de onde lhe chegaria auxílio, caso necessitasse. Húrin e Huor viveram como convidados na casa do Rei durante quase um ano, e diz-se que, nesse tempo, Húrin, cuja mente era veloz e ávida, adquiriu muita da erudição dos Elfos, além de ter aprendido alguma coisa com os conselhos e os propósitos do Rei. Pois Turgon adquirira grande afeição pelos filhos de Galdor, com os quais falava muito. Era mesmo seu desejo mantê-los em Gondolin por amor, e não apenas por causa da sua lei, segundo a qual nenhum desconhecido, fosse ele Elfo ou Homem, que descobrisse o caminho para o reino secreto ou estendesse o olhar sobre a cidade poderia jamais partir de novo, até o Rei abrir o cerco e o povo oculto poder avançar.

Mas Húrin e Huor desejavam regressar para junto do seu povo e partilhar as guerras e sofrimentos que então o assediavam. E Húrin disse a Turgon: «Senhor, somos apenas homens mortais e diferentes dos Eldar. Estes podem permanecer longos anos à espera de batalharem com os seus inimigos num qualquer tempo distante, mas, para nós, o tempo é breve e a nossa esperança e a nossa força não tardarão a declinar. Além disso, nós não descobrimos o caminho para Gondolin e, em verdade, não sabemos com certeza onde a cidade se situa, pois fomos transportados, num estado de medo e

espanto, pelos altos caminhos do ar, e, por misericórdia, os nossos olhos foram velados.» Então Turgon satisfez a sua súplica e disse: «Pelo caminho que vieram estão autorizados a partir, desde que Thorondor a tal esteja disposto. Desgosta-me esta separação, embora, segundo os cálculos dos Eldar, em breve possamos reencontrar-nos.»

Mas Maeglin, o filho da irmã do rei, que era poderoso em Gondolin, não lamentou nada a partida deles, posto que lhes invejava o favor do Rei, não sentindo afecto algum por qualquer dos aparentados com os Homens; e disse a Húrin: «A graça do Rei é maior do que imaginais, e haverá quem se pergunte por que motivo foi a rigorosa lei mitigada em benefício de dois tratantes filhos dos Homens. Seria mais seguro se lhes não restasse outra alternativa senão aqui permanecerem como nossos servos até ao fim dos seus dias.»

— A graça do Rei é deveras grande — respondeu Húrin —, mas, se a nossa palavra não é suficiente, então far-vos-emos juramentos.

E os irmãos juraram que nunca revelariam os intentos de Turgon e guardariam segredo de tudo quanto tinham visto no seu reino. Depois despediram-se e as Águias vieram e transportaram-nos de noite, deixando-os em Dor-lómin antes do alvorecer. Os seus familiares rejubilaram ao vê-los, pois mensageiros de Brethil haviam comunicado que estavam perdidos; mas nem ao próprio pai eles disseram onde tinham estado, além de que tinham sido salvos no deserto pelas Águias que os haviam trazido para casa. Mas Galdor disse:

— Vivestes, então, um ano no deserto? Ou acolheram-vos as Águias nos seus altos ninhos? Mas encontrastes alimento e boas vestes, e regressastes como jovens príncipes e não como perdidos na floresta.

— Contentai-vos, pai, por termos regressado — respondeu Húrin. — Pois somente sob jura de silêncio tal nos foi permitido. A esse juramento continuamos obrigados.

Então Galdor não os interrogou mais, mas ele e muitos outros suspeitaram da verdade. Pois tanto o juramento de silêncio como as Águias apontavam para Turgon, pensavam os homens.

Os dias foram passando e a sombra do medo de Morgoth foi crescendo. Mas, no 469º ano após o regresso dos Noldor à Terra Média, houve um frémito de esperança entre Elfos e Homens, pois correu entre eles o rumor dos feitos de Beren e Lúthien e da humilhação de Morgoth no seu próprio trono, em Angband, e alguns diziam que Beren e Lúthien continuavam vivos ou tinham ressuscitado dos mortos. Nesse ano ficaram também quase concluídos os grandes intentos de Maedhros e, com a força revigorada dos Eldar e dos Edain, o avanço de Morgoth foi sustido e os Orcs rechaçados

de Beleriand. Depois, alguns começaram a falar de vitórias vindouras e do desagravo da Batalha da Bragollach, quando Maedhros comandasse as hostes unidas, e rechaçasse Morgoth para o subsolo, e cerrasse as Portas de Angband.

Mas os mais sensatos continuavam inquietos, receando que Maedhros revelasse a sua força crescente demasiado cedo e Morgoth dispusesse de tempo suficiente para se precaver contra ele. «Será sempre maquinado em Angband algum novo mal que ultrapassa as conjecturas de Elfos e Homens», diziam. E, no Outono desse ano, como que a sublinhar as suas palavras, soprou do Norte um vento doentio, sob céus de chumbo. O Bafo Maligno, chamaram-lhe, pois era pestilento. E muitos adoeceram e morreram, no Outono do ano, nas terras setentrionais que ladeavam a Anfauglith, e eram na sua maioria as crianças ou os jovens em crescimento das casas dos Homens.

Nesse ano, Túrin, filho de Húrin, ainda tinha apenas cinco anos de idade e Urwen, a sua irmã, fizera três no início da Primavera. O seu cabelo era como os lírios amarelos no prado, quando ela corria pelos campos, e o seu riso lembrava o som do regato alegre que descia, cantando, dos montes e passava pelas muralhas da casa do seu pai. Nen Lalaith, assim se chamava o regato, e as pessoas da casa passaram a chamar Lalaith à menina e os seus corações sentiram-se felizes enquanto ela viveu entre elas.

Mas Túrin era menos amado do que ela. Tinha cabelos escuros, como a mãe, e prometia ser também como ela em disposição, pois não era alegre e pouco falava, embora tivesse aprendido cedo a falar e sempre tivesse parecido mais velho do que na verdade era. Túrin era lento a esquecer a injustiça ou a zombaria, mas o fogo do seu pai também ardia nele e tornava-o capaz de ser brusco e violento. Todavia, depressa se apiedava e a mágoa ou a tristeza das coisas vivas comoviam-no até às lágrimas — e nisso era também como o pai, pois Morwen era severa para com os outros como para consigo mesma. Túrin amava a mãe, pois ela falava-lhe de modo franco e claro; mas via pouco o pai, porque Húrin estava frequentemente muito tempo longe de casa com a hoste de Fingon, que guardava as fronteiras orientais de Hithlum, e, quando regressava, o seu falar apressado, cheio de palavras estranhas, e gracejos, e subentendidos, intrigava e constrangia Túrin. Nesse tempo, todo o calor do seu coração ia para Lalaith, sua irmã; mas raramente brincava com ela e preferia protegê-la sem ser visto e observá-la a caminhar sobre a relva ou sob as árvores, enquanto cantava canções como as que eram feitas pelos filhos dos Edain havia muito tempo, quando a língua dos Elfos ainda estava fresca nos seus lábios.

— Lalaith é bela como uma criança élfica — dizia Húrin a Morwen —, mas, ai de nós, mais fugaz! E por isso ainda mais bela, talvez, ou mais querida.

Túrin, ouvindo tais palavras, meditava nelas, mas não conseguia compreendê-las. Pois nunca vira nenhuma criança élfica. Naquele tempo, nenhum dos Eldar vivia nas terras do seu pai, e apenas uma vez ele os vira, quando o rei Fingon e muitos dos seus senhores tinham atravessado Dor-lómin e passado pela ponte do Nen Lalaith, cintilantes de prata e branco.

Mas, antes de findo o ano, a verdade das palavras do pai foi revelada, pois o Bafo Maligno chegou a Dor-lómin e Túrin adoeceu e passou muito tempo mergulhado em febre e sonhos negros. E, quando sarou, pois tal era o seu destino e a força da vida que havia nele, perguntou por Lalaith. Mas a ama respondeu: «Não faleis mais de Lalaith, filho de Húrin; mas da vossa irmã Urwen podeis pedir notícias a vossa mãe.»

E, quando Morwen foi ter com ele, Túrin disse-lhe:

— Já não estou doente e desejo ver a minha irmã Urwen; mas porque não devo chamar-lhe mais Lalaith?

— Porque Urwen morreu e o riso foi silenciado nesta casa — respondeu-lhe ela. — Mas tu vives, filho de Morwen, assim como o Inimigo que nos fez isto.

Não procurou confortá-lo, do mesmo modo que não se confortava a si mesma, pois acolhia a sua dor em silêncio e de coração frio. Mas Húrin pranteou sem disfarces e pegou na sua harpa e quis compor uma canção de lamento. Não conseguiu, porém, e quebrou a harpa e, saindo, ergueu a mão para o lado do Norte, gritando: «Desfigurador da Terra Média, pudera eu ver-te cara a cara e desfigurar-te como o meu senhor Fingolfin o fez!»

Mas, à noite, Túrin chorava amargamente, sozinho, embora nunca mais voltasse a dizer o nome da irmã a Morwen. A um amigo apenas recorreu nesse tempo e a ele falou do seu desgosto e do vazio da casa. Esse amigo chamava-se Sador, um criado ao serviço de Húrin, coxo e de pouco valimento. Fora lenhador e, por má sorte ou mau manejo do machado, cortara o pé direito. A perna, sem pé, mirrara, e Túrin chamava-lhe Labadal, que significa «Coxo», mas a alcunha não desagradava a Sador, pois fora-lhe dada por compaixão e não por desdém. Sador trabalhava nos edifícios exteriores, fazendo ou consertando coisas de pouca monta que eram necessárias para a casa, pois possuía alguma perícia na arte de trabalhar com madeira. E Túrin levava-lhe aquilo de que ele precisava, para lhe poupar a perna, e às vezes, às escondidas, alguma ferramenta ou pedaço de madeira que encontrara ao abandono, se lhe parecia que podia ser útil ao amigo. Então Sador sorria, mas mandava-o repor as dádivas onde as encontrara. «Dá com uma mão larga, mas dá apenas o que é teu», dizia-lhe. Recompensava como podia a gentileza do rapazinho e entalhava para ele figuras de homens e animais; mas Túrin deliciava-se mais com as suas histórias, pois Sador tinha sido jovem nos tempos da

Bragollach e gostava agora de falar dos breves dias da sua plena masculinidade, antes da mutilação.

— Dizem que foi uma grande batalha, filho de Húrin. Eu fui chamado das minhas tarefas na floresta pela necessidade surgida nesse ano, mas não estive na Bragollach, ou poderia ter recebido o meu ferimento com mais honra. Chegámos tarde de mais, a tempo apenas de transportar o féretro de Hador, o velho senhor, que tombou em defesa do Rei Fingolfin. Depois disso, fui para soldado e estive na Eithel Sirion, a grande fortaleza dos Reis Élficos, durante muitos anos; ou assim me parece agora, e os anos monótonos que se seguiram pouco têm que os assinale. Encontrava-me na Eithel Sirion quando o Rei Negro a atacou e Galdor, pai do teu pai, tornou-se comandante no lugar do Rei. Foi morto nesse ataque; e eu vi o teu pai assumir a sua suserania e o seu comando, apesar de ter atingido havia pouco a idade adulta. Havia nele um fogo que tornava a espada quente na sua mão, dizia-se. Atrás dele, empurrámos os Orcs para a areia, e desde esse dia eles não se atreveram a aparecer à vista das muralhas. Mas, ai de mim, o meu amor pelo combate estava saciado, pois vira sangue vertido e feridas suficientes, e fui autorizado a regressar às florestas por que ansiava. E aí sofri o meu ferimento, porque um homem que foge do seu medo pode descobrir que, afinal, apenas enveredou por um atalho para ir ao seu encontro.

Deste modo falava Sador a Túrin, à medida que este ia crescendo, e Túrin começou a fazer muitas perguntas às quais Sador tinha dificuldade em responder, pensando que outros, mais chegados a ele, deviam ter-se encarregado de o ensinar. E um dia Túrin disse-lhe:

— Lalaith parecia, realmente, uma criança élfica, como o meu pai dizia? E o que significavam as palavras dele quando disse que ela era mais fugaz?

— Parecia, e muito — respondeu Sador —, pois, na sua primeira juventude, os filhos dos Homens e dos Elfos parecem muito semelhantes. Mas os filhos dos Homens crescem mais depressa e a sua juventude em breve passa. É esse o nosso destino.

Então Túrin perguntou-lhe:

— O que é o destino?